

# De volta ao passado?

*Seminário discute propostas para revitalizar o centro de Vitória e lhe devolver o antigo charme*

AJ 20/169

Foto de Fábio de Mello Tancredi

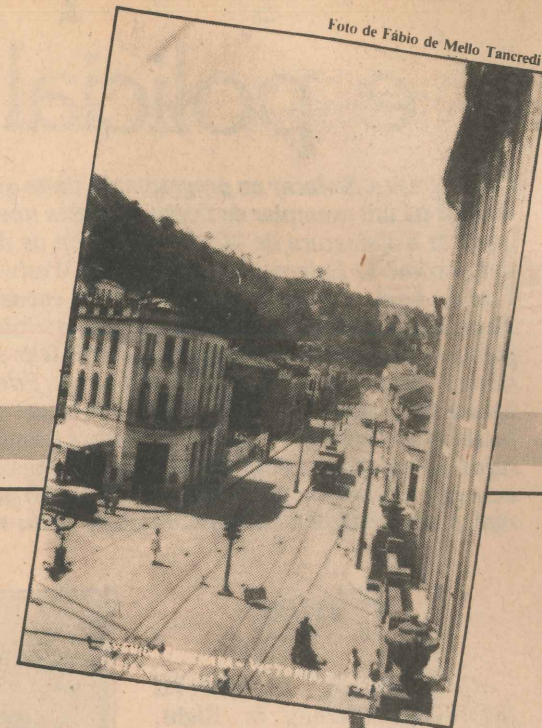


Foto de Ailton Lopes

Andréa Curry

**H**á 60 anos, Vitória inteira era só o centro. Foi nessa época que a cidade se fez, no traçado que se conhece hoje. A década de 20 foi marcante para a urbanização da ilha. O Estado viveu um impulso de desenvolvimento, puxado pelo auge da cultura do café, que fez nascer na cidade um segmento social bem urbano, ligado à exportação do produto. Foi aí que nasceu a avenida Jerônimo Monteiro e seu casario ao estilo eclético — copiando a moda européia.

A urbanização foi, em grande parte, planejada e executada por Florentino Avidos, que governou o Estado de 1924 a 27. Em sua posse, ele registrou que Vitória era feita de ruas apertadas, sem qualquer serviço de drenagem — o que facilitava verdadeiras inundações a cada chuva. Também não existiam esgoto ou calçamento — motivo pelo qual na cidade só haviam quatro ou cinco carros.

Engenheiro/urbanista, Florentino Avidos trabalhou nos subterrâneos, com drenagem, rede de esgoto, e na superfície, abrindo ruas — como a Antônio Aguirre, a Alziro Viana, a Wilson Freitas e a Don Fernando — construindo as escadarias Maria Ortiz, Cleto Nunes, Piedade e Nicolau de Abreu — passeios públicos e praças. Nessa época, a avenida Jerônimo Monteiro ganhou seu atual traçado e começou a se tornar conhecida como rua comercial, com suas construções representativas do comércio do café: depósitos, casas de exportações, trapiches e comércio em geral.

Nesta mesma década, surge a praça Costa Pereira, com suas 11 palmeiras imperiais. Em poucos anos, a praça tornou-se o coração da cidade, centro dos encontros, do lazer, da vida social, contornada por bares e cafés. Para muita gente, a praça até hoje é o símbolo do centro. Sempre foi



*O Glória foi o primeiro prédio de concreto a ser construído na avenida Jerônimo Monteiro*

# ‘O perigo é a visão saudosista do Centro’

Foto de Luiz Pajau



**Tânia, Clemir e Isabella elaboraram um projeto sobre a revitalização do Centro**

400 anos”, observou o historiador Fernando Achiamé. Ele analisa a questão pelo lado da “eficácia histórica”, que indica terem certas medidas e certas decisões efeitos e consequências que se desdobram até muito mais além da proposta inicial. Achiamé exemplificou: “Vitória já nasceu numa ilha e até hoje colhemos os efeitos da decisão dos colonizadores que tinham como principal objetivo a defesa do território. Para isto, a montanha do Centro da ilha também era importante, além do maço central representar o lance da acrópole”, disse.

Nas décadas de 50/60, uma série de outras decisões somou-se para resultar na Vitória de hoje, sendo uma das principais a de não se construir no Espírito Santo um novo Centro político/administrativo, como vários outros estados fizeram. Quer dizer, o Centro do poder político e financeiro do Estado continuou apertado entre montanhas e mar. Mas, mesmo sendo um espaço de representação simbólica para todo o Espírito Santo, o Centro tem mudado e, para Achiamé, conter essa mudança é bobagem. “As pessoas querem que o Centro seja hoje a mesma coisa que era há 30, 40 anos atrás, o que não existe. A população que hoje usa o Centro da cidade é outra e a região deve ser pensada em relação a ela”, disse o historiador.

É essa população que vive o Centro que o mantém borbulhante. “A população dá vida ao Centro e ele retorna a essa vida de alguma forma”, observou Achiamé, acrescentando que ali quase toda iniciativa dá certo, como aconteceu com os projetos culturais Sobremesa e Artes na Praça. Para o historiador, a questão da revitalização da cidade é muito simples e não demanda intervenções sofisticadas. É só uma questão de pequenos cuidados com a manutenção — medidas que não precisavam de muito dinheiro, como o cuidado das fachadas, a limpeza das praças e das ruas, a manutenção da pintura e a criação de atrações culturais. “Essas iniciativas devem levar em conta a utilização que a população faz hoje do Centro e isto é mais importante do que simplesmente preservar patrimônio histórico ou qualquer outra solução burocrática ou imposta. Certas intervenções podem ser até muito mais negativas do que deixar o Centro continuar sendo como ele é”, opinou.

“O Centro é um resumo de toda a Grande Vitória. É um ponto de convergência de fluxos diferenciados, visíveis ou invisíveis. Porque é Centro, ele tem a capacidade de expressar, no espaço, toda a riqueza e a pluralidade que há em toda Grande Vitória e o importante desse seminário é poder refletir sobre isto e aprofundar as possibilidades de interferência no Centro, que não neguem toda essa sua riqueza”. A opinião é do professor do curso de Arquitetura da Ufes, Roberto Garcia Simões, que acredita que, por ser exatamente o ponto de convergência de todas as pessoas que vivem a região metropolitana, o Centro é o espaço mais democrático que há na cidade — e uma intervenção que negue isto seria, no mínimo, arbitrária.

É democrático, assim como é o local onde os conflitos, os confrontos e as contradições sociais se mostram mais evidentes. Ao contrário dos chamados “bairros nobres”, o Centro não foi apropriado por alguma classe social, continuando aberto a toda população.

**E**picentro de conflitos, confrontos e contrastes, o centro de Vitória também é motivo para muita polêmica. São os pedestres X motoristas, calçadas X estacionamentos, camelôs X comerciantes, pivetes X donas de casas, becos X avenidas ou casario antigo e maltratado X novos e imponentes edifícios. Só que, agora, toda essa discussão tem a chance de ser direcionada de uma forma produtiva através do I Seminário sobre a Revitalização do Centro de Vitória, promovido pela Prefeitura, que está acontecendo no edifício Fábio Ruschi, reunindo diversos setores da sociedade.

A idéia de se revitalizar o Centro já rola há quase uns cinco anos, deflagrada por alunos do curso de Arquitetura da Ufes. Foi encampada pela administração municipal anterior, sem muito êxito, já que não se conseguiu envolver a comunidade que mais vivencia a região. Agora, depois de uma pesquisa que revelou ser desejo das pessoas que moram e que trabalham no Centro uma intervenção na área, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida, a Prefeitura retomou a idéia e a colocou para ser discutida. Depois será feito um concurso que premiará os autores das melhores idéias para a revitalização do Centro.

“Já existe um consenso entre moradores e pessoas que trabalham na região de que o Centro precisa ser melhorado. Durante uma pesquisa realizada em dezembro, as pessoas apontaram como principais problemas da região a poluição, os camelôs, os estacionamentos, o menor abandonado e a falta de segurança”, diz o secretário municipal de Planejamento, Fernando Bettarello. De acordo com ele, a Prefeitura não quer realizar uma série de intervenções isoladas no centro da cidade, mas agir conforme um projeto mais global, que leve em consideração toda área que vai da curva do Saldanha até a rodoviária e não se limite aos aspectos arquitetônicos ou viários, mas envolva as várias questões que se interligam no centro da cidade e, quase sempre, têm um fundo social.

Um dos primeiros grupos a se preocupar com a revitalização de Vitória foi o formado por quatro alunas do curso de Arquitetura da Ufes, que apresentaram como projeto de graduação o trabalho “Vitória ConVida”. De acordo com suas autoras, Tânia Maria de Oliveira Gonçalves, Clemir Regina Pela Menequel, Isabela Batalha Muniz e Márcia Zanotti, o projeto é antes de tudo um convite ao questionamento sobre o que a população pre-

tende para o centro de Vitória. Para as arquitetas, existe, fundamentalmente, a necessidade de adequação dos espaços existentes para a melhor vivência da população que frequenta a região.

As autoras consideram essa adequação necessária para reverter o processo de deteriorização da qualidade de vida no centro de Vitória que, em sua opinião, tem como um dos indícios a expulsão dos antigos moradores para os bairros. Para elas, “favorecer a moradia é essencial no processo de revitalização do Centro, já que implica na existência de uma população constante lutando pela qualidade de vida no espaço”. Neste sentido, as arquitetas traçaram diretrizes em várias áreas como lazer, cultura, patrimônio histórico, artístico e cultural, transporte e conforto ambiental.

Entre as sugestões, estão a preservação do patrimônio histórico e natural, que fornece um estilo e uma característica própria a Vitória; a adequação do uso de praças, ruas e recantos do Centro; a integração do Porto de Vitória à vida da cidade, já que ele é um referencial do desenvolvimento do Estado, além de compatibilizar o sistema de transporte com o objetivo de revitalização. São objetivos a serem encampados e viabilizados pelo poder público, que deveria, na opinião das arquitetas, aglutinar os outros setores envolvidos com o Centro da cidade.

“Atualmente, o Centro é visto como passagem, como um lugar desagradável. É necessário mudar essa visão do Centro, mostrando-o como um local interessante para

se estar, com calçadas, recantos, muitas árvores e atrações culturais”, disse Isabella. Em relação ao casario, as arquitetas consideram importante que a população tenha consciência de que ele representa fragmentos da história do Estado dispostos pelo espaço e, para isto, é necessário um trabalho de informação.

Já Renata Almeida, que atualmente faz mestrado na área de Antropologia na Universidade Federal da Bahia, desenvolvendo um projeto sobre o Centro de Vitória, questiona essa idéia de revitalização. “Revitalizar pressupõe que o Centro está morrendo, o que não é verdade. O Centro está mais vivo do que nunca, só que é totalmente diferente do que era nas décadas passadas. Querer fazer com que a praça Costa Pereira volte a ser o local do footing da classe dominante é ilusão”, afirmou.

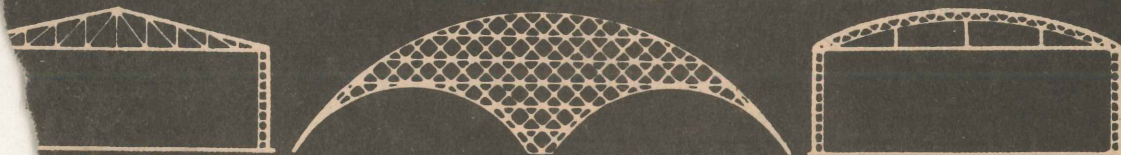
O maior perigo, para Renata, é a visão saudosista que se tem do Centro da cidade. “É muito fácil mitificar uma época. Só que o que se registra é a visão da classe dominante. A História do Centro não dá conta de outros setores que sempre foram alvos de expulsões, de discriminações e de medidas saneadoras”, observa. Para Renata, a degradação da qualidade de vida e o deslocamento de funções do Centro de Vitória não aconteceram por acaso, mas foram produzidos historicamente. “A história não é cronológica, mas é social. Então, não existe só uma história do Centro, mas várias histórias, como não existe um tipo de vivência do Centro, mas várias”, continuou. Nesse sentido, Renata Almeida questiona até a questão do patrimônio histórico, que tem sido muito levantada atualmente. “Quando se fala em preservar o patrimônio, a idéia é preservar para quem? Será que a população que atualmente frequenta a cidade tem interesse na conservação do patrimônio histórico?”, pergunta ela.

Para Renata, o Centro de Vitória tem que ser pensado em função da população que o vivencia hoje. “É quem está ali que tem que ser ouvido sobre como intervir para melhorar a qualidade de vida no Centro, senão fica uma coisa imposta, sem qualquer representatividade”, disse, acrescentando que neste seminário é necessário se pensar o que é o Centro hoje, qual a sua dinâmica, para não tentar provocar um retorno ao passado.

“O Centro de Vitória é hoje o resultado de inúmeras decisões que remontam até há

## COBERTURAS METÁLICAS

ESPACIAL • CONVENCIONAL



• ARQUIBANCADAS • DEPOSITOS • ESTACIONAMENTOS • GINASIOS • IGREJAS • INDUSTRIAS • HANGARES • MEZANINOS • OFICINAS • SHOPPINGS • SUPERMERCADOS • GALPÕES PARA QUAISQUER FINALIDADES •

### CONSTRUMEC

CALCULO • FABRICAÇÃO • MONTAGEM  
RODOVIA CARLOS LINDENBERG, 5.019 - VILA VELHA - ES.  
(027) 239.3635  
ATENDEMOS INTERIOR

Se você procura trabalho, procure nos Classificados.